



JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: A GRANDE ESCRITORA BRASILEIRA DA VIRADA DOS SÉCULOS XIX-XX

Leonora De Luca

Os estudantes que irão prestar o vestibular da Unicamp-2021 devem ter ficado surpresos ao se deparar com uma obra de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) entre as leituras obrigatórias para esse exame. Tal estranhamento justifica-se pelo fato de ter sido esquecida durante muito tempo, em contraste com o prestígio alcançado em sua época.

Filha de dois educadores portugueses radicados no Brasil desde 1857, Júlia Valentina da Silveira Lopes nasceu em 24 de setembro de 1862 no Rio de Janeiro, no casarão da Rua do Lavradio onde funcionava o Colégio de Humanidades mantido por seus pais.

Em 1863 a família mudou-se para Nova Friburgo e, em 1870, transferiu-se para Campinas. Alfabetizada em casa, Júlia Lopes não frequentou escolas, mas iniciou-se nos clássicos portugueses por influência do pai e recebeu aulas de inglês e música. Sua estreia literária deu-se em 1881 na "Gazeta de Campinas", seguindo-se a publicação de dezenas de contos e crônicas na imprensa campineira, alguns deles incluídos nos *Contos Infantis* (1886), em parceria com sua irmã, a poetisa Adelina Lopes Vieira, e na antologia *Traços e Iluminações* (1887).

Júlia Lopes casou-se em 1887 com o poeta, jornalista e dramaturgo português Filinto de Almeida (1857-1945), residente no Brasil desde a infância. O casal instalou-se no Rio de Janeiro, onde nasceu o filho primogênito, Afonso Lopes de Almeida (1888-1953), que se tornou poeta e diplomata; nessa cidade a escritora divulgou seu primeiro romance, *Memórias de Marta* (publicado em folhetins entre 1888 e 1889).

Em fins de 1889, Filinto foi promovido a redator do diário "O Estado de São Paulo", exigindo-se a mudança da família para a capital paulista. Em 1892, enquanto o

marido era eleito deputado estadual paulista, Júlia editava o seu segundo romance, *A Família Medeiros*. No âmbito privado, esta foi uma fase infeliz, marcada pela perda de dois filhos (ambos falecidos com menos de um ano de vida).

Júlia voltou ao Rio em 1894 para dar à luz ao quarto filho, Albano Lopes de Almeida (1894 - ?), que viria a ser poeta e artista plástico. Pouco depois, Filinto junta-se à esposa e aos filhos – estabelecendo-se na capital carioca de forma definitiva. Ainda no século XIX, a escritora lançou a coletânea *Livro das Noivas* (1896) e o romance *A Viúva Simões* (1897); além disso, foi contemplada com o nascimento de duas filhas, Margarida Lopes de Almeida (1896-1979), que se notabilizaria como escultora e

declamadora, e Lúcia Lopes de Almeida (1899 - ?), que foi musicista.

Naquela transição de séculos, ela já era uma escritora respeitada, sendo que o romance *A Falência* (1901) – a obra destacada pela Unicamp – representa o ápice de sua carreira. Sucesso de público e de crítica, nele Júlia Lopes adere à estética naturalista para abordar temas polêmicos, como adultério e suicídio. Vieram depois os contos de *Ânsia Eterna* (1903), a coletânea *Livro das Donas e Donzelas* (1906), as *Histórias da Nossa Terra* (1907) e o romance *A Intrusa* (1908). Em 1908 ela estreou na dramaturgia com a peça *A Herança*, premiada na exposição comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos.



Júlia Lopes de Almeida

Em 1910, editaram-se os "monólogos e diálogos" enfeixados em *Eles e Elas* e, no ano seguinte, apareceu o romance *Cruel Amor* (1911). Uma nova incursão pelo teatro ocorreu com *Quem Não Perdoa*, drama encenado em 1912 e integrado ao volume *Teatro* (1917). São também desse período o relato de viagem *Cenas e Paisagens do Espírito Santo* (1912) e os romances *Correio da Roça* (1913) e *A Silveirinha* (1914).

Afora essa produção editorial, Dona Júlia, como era chamada, foi uma colaboradora assídua do jornal carioca "O País", no qual manteve uma coluna e posicionou-se sobre vários assuntos, assumindo-se, por exemplo, como moderada defensora da emancipação das mulheres – o que a transforma numa pioneira do feminismo em nosso país.

Nos seus textos, a escritora manifestou ainda preocupações ecológicas, como acontece na antologia *A Árvore* (1916), escrita em colaboração com o filho Afonso. Ao final dessa década, foram editados o conto infantil *Era uma vez...* (1917) e as impressões de viagem *Jornadas no Meu País* (1920). Nos anos 1920, saíram o volume de novelas *A Isca* (1922), a conferência *Brasil* (1922) e uma obra pacifista, *Maternidade* (1925).

De 1925 a 1932, a família reside em Paris, onde a filha Margarida aperfeiçoou-se em escultura. Ao retornar ao Rio, a escritora publicou o romance *A Casa Verde* (1932), redigido em coautoria com o marido, e o romance *Pássaro Tonto* (1934). A 30 de maio de 1934, Júlia Lopes falece em virtude de complicações causadas por uma infecção contraída na volta de uma viagem em visita à filha Lúcia, que estava morando na África.

Leonora De Luca é graduada em Ciências Sociais e Letras pela Unicamp. Fez mestrado e doutorado sobre escritoras brasileiras do século XIX.



A Pandemia do descaso

Rosani Abou Adal

O presente de Natal mais aguardado do Planeta é a vacina contra o Covid-19 - a esperança de todos os povos em nome da vida.

Um vírus devastador que já matou mais de 1,5 milhão de pessoas em todo o mundo, sendo que o Brasil alcançou mais de 10% desse total de mortes.

No Brasil faltam políticas públicas e investimentos em quase todas as áreas, principalmente nos serviços relacionados à Saúde, Educação e Cultura. Os referidos setores sempre sofreram com o descaso dos nossos governantes e vêm sendo gradativamente mais afetados com os cortes drásticos de verbas.

O descaso para com o povo brasileiro é uma pandemia incurável. Não há antídoto que possa combater tal desdém. A vacina contra a pandemia do descaso não poderá ser produzida em nenhum laboratório do Planeta e muito menos ser testada.

Por enquanto, nossa esperança é a eficácia da vacina contra esse vírus avassalador que está destruindo a espécie humana.

Que no Natal de 2020 o presente tão esperado para imunizar o Covid-19 possa alcançar os povos de todas as nações, sem distinção de raça, espécie, gênero e classes sociais.

Será que em 2020 nossos sonhos poderão se transformar em realidade com mais verbas para a Saúde, Educação e Cultura? De certo, a pandemia do descaso permanecerá nos braços do Morfeu.

Um Natal e um Ano Novo com saúde, amor, paz e muita poesia. Sem mortes desenfreadas de animais, homens, mulheres e crianças, sem fome, sem violência, sem guerras e mais humanitário.

Rosani Abou Adal é jornalista, poeta, publicitária, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. Autora de Manchetes em Versos.
www.poetarosani.com.br

Bodega do Brasil agraciado com a Lei Aldir Blanc



O Sarau Bodega do Brasil, encontro de culturas populares, foi contemplado na Lei Aldir Blanc, inciso III, Módulo II Chica Xavier- Coletivos Culturais Prefeitura de São Paulo.

Como ações propostas, o coletivo dará sequência aos encontros mensais realizados há onze anos, na região central da cidade, que inicialmente terão formato online. Promoverá quatro eventos *Bodega Circulante* que terão como proposta promover um diálogo entre artistas bodegueros e locais.

E como uma terceira ação, a publicação do livro *O BODEGA DO BRASIL – EM TEMPO DE POESIA*. A Coletânea Literária reunirá obras das poetisas e poetas bodegueros. O lançamento da obra será realizado em dez escolas da Rede Pública, na Região de Guaianases e Lajeado, sendo que cada escola receberá três exemplares para suas bibliotecas, totalizando 30 livros.

Os recursos recebidos estão sendo aplicados no pagamento de cachês aos artistas envolvidos, técnicos,

divulgação nas mídias sociais, na produção e publicação da Antologia Literária com a poética dos participantes.

Direta e indiretamente serão contempladas aproximadamente sessenta pessoas.

O Sarau Bodega do Brasil é um encontro de culturas populares que iniciou suas atividades no dia 16 de outubro de 2009, na sub-sede do Cineclube Baixo Augusta, na tradicional Rua Augusta. No dia 17 de julho de 2010 transferiu suas atividades para o auditório da ONG Ação Educativa, Rua General Jardim, 660, na Vila Buarque, em São Paulo.

O Bodega é um amplo encontro de culturas populares, com destaque para a cultura nordestina como o cordel, repente, aboio, embolada, poesia, dança e música brasileira.

Foi idealizado pelo poeta cearense Costa Senna e coordenado pelo coletivo de artistas composto por Cacá Lopes, Júbilo Jacobino, Ornella Jacobino, Adão Santos, Cleusa Santo e Ângela Dizioli.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00
Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0
- agência 0719-6 - Banco do Brasil

Envio de comprovante, com endereço completo, para linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Roberto Scarano

Advogado

Trabalhista -
Cível - Família



OAB - SP 47239

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br



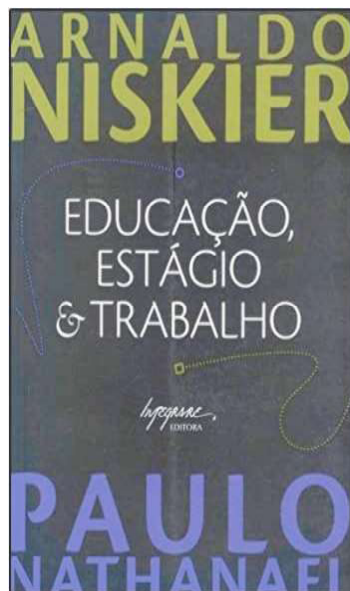
Os dilemas e distorções do ensino num livro instigante de Niskier e Nathanael

Gabriel Kwak

Educação, Estágio e Trabalho é livro que dignifica a bibliografia educacional brasileira. A profissionalização, o ensino técnico-profissionalizante é tema que sempre preocupou os autores, os tarimbados educadores Arnaldo Niskier e Paulo Nathanael Pereira de Souza. A primeira parte enfeixa ensaios e estudos do primeiro, integrante da Academia Brasileira de Letras, ex-secretário estadual de Educação do Rio de Janeiro, experiente comunicador de rádio e televisão, ex-diretor de jornalismo do Grupo Bloch (editora responsável pela extinta e renomada revista *Manchete*). Já o segundo bloco da obra reúne artigos e trabalhos do não menos veterano Paulo Nathanael, reitor de mais de uma Universidade, membro da Academia Paulista de Letras e ex-presidente do Conselho Federal de Educação. Neste livro, de 2006, sobressaem a clareza e até o primor da composição estilística de ambos que esmaltam uma prosa útil não só a educadores e estudantes, como também a empresários.

Em diversas coletâneas (e neste *Educação, Estágio e Trabalho* não é diferente), Arnaldo Niskier desenha rumos para a requalificação do ensino e para a desejável formação profissional dos cidadãos.

Elucida os gargalos à profissionalização do ensino no então Segundo Grau já nos anos 70. Na década seguinte, apresentavam-se problemas como a falta de entrosamento entre empresa e escola e a oposição dos pais a que seus filhos se dedicassem mais aos conteúdos profissionalizantes do que às matérias exigidas nos exames vestibulares. Niskier fornece ainda o argumento fulminante: "Por sua vez, os jovens estiveram sempre, na esmagadora maioria, especialmente nos grandes centros, muito mais interessados em ter um tipo de ensino em que predominassem as disciplinas de caráter geral, que lhes propiciassem a oportunidade de disputar as vagas oferecidas nos exames vestibulares das universidades." Ou seja, as disciplinas de educação geral concor-



riam com o espaço dedicado àquelas de formação profissionalizante e técnica, o que não raro sobrecarregava os alunos na faixa dos 14, 15 anos. Com o advento da obrigatoriedade do ensino profissionalizante nas escolas, a profissionalização não foi realmente aplicada. Sua implantação também foi dispar nos diferentes Estados. É o que nos mostra o autor.

O autor mostra que a LDB prevê a educação profissional de alunos egressos dos Ensinos Fundamental, Médio e Superior.

Niskier fala da qualificação e requalificação da mão-de-obra: "As profissões mudam muito rapidamente de característica. O trabalhador precisa estar em condições de ler e compreender os manuais de novos equipamentos."

Todas as saídas suscitadas por Arnaldo Niskier perseguem a inclusão do jovem hipossuficiente no sistema, vencendo o abismo antigo entre ensino acadêmico e profissionalizante. Mas o anseio do jovem continuava a ser a Universidade. O autor defende a liberdade de escolha do jovem: a profissionalização obrigatória caiu por terra com a Lei 7044/82, acabando com algumas distorções na educação integral.

Conclui-se dessa leitura proveitosa que novas profissões exigem novos saberes. Muito mais do

que as habilidades trabalhadas na capacitação dos egressos do Ensino Médio. Ainda que não esgote o assunto, o livro dos dois exímios pensadores da educação encerra um receituário para aperfeiçoar a empregabilidade dos egressos. Formula algumas pistas nesse sentido, talvez a coroa-las o incremento de verbas, sempre faltantes.

Arnaldo Niskier nos elucida como a educação à distância se inscreveu na Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Em diversos artigos, Niskier tem sustentado que a modalidade não é metodologia nova e como ela já superou a educação presencial. Mais de uma década atrás, contávamos já com as bibliotecas virtuais. Metodologias ativas aplicadas em ambientes virtuais de aprendizagem renovaram e renovam as práticas pedagógicas. Niskier é defensor ardoroso da atualização tecnológica permanente do professor. As metodologias pedagógicas antigas não nos servem mais em face da Quarta Revolução Industrial. A educação formal teve de ceder lugar aos recursos pedagógicos remotos diante do confinamento exigido pela pandemia de Covid-19.

Niskier oferta ao leitor, linhas adiante, uma gama de reflexões sobre a Ética e seus valores, esmiuçando os pressupostos da conduta humana. O tirocinio do autor ainda projeta luzes sobre a permanência dos alunos nas escolas, as características e demandas do Terceiro Setor, o estímulo ao patriotismo nos alunos (com a previsão da execução dos hinos pátrios), a necessidade de o ensino acompanhar o desenvolvimento tecnológico, a parceria empresa-escola e a

forte presença do ensino superior privado.

Paulo Nathanael discorre sobre capacitação e a inclusão trazidas pelo estágio e pelos programas de *trainee*. Mostra seu *know-how* no que concerne ao disciplinamento legal das oportunidades de inserção do jovem. Na qualidade de ex-presidente do Centro de Integração Empresa e Escola de São Paulo (CIEE-SP), o autor dá dicas de como o candidato a uma vaga de estágio deve se conduzir nas etapas do processo seletivo e no encontro com o recrutador. ("Em resumo, o estudante bem preparado para uma entrevista é aquele que sabe valorizar suas qualidades e apresentar de forma positiva suas potencialidades que ainda precisam ser desenvolvidas, revelando-se disposto a sempre aprender mais", orienta). Também expende as razões da crise de empregabilidade das nações.

Enfim, os professores Arnaldo Niskier e Paulo Nathanael movem-se com perícia no conhecimento da estrutura e funcionamento dos ensinos básico e superior no Brasil, no domínio dos métodos pedagógicos e no estudo do estágio como inserção no mercado de trabalho.

Quem se dedica ao estudo dos rumos, desafios e perspectivas da educação nacional, não pode deixar de se debruçar neste livro da dupla Niskier-Paulo Nathanael, robusto de lições e reflexões agudas sobre os currículos escolares e projetos pedagógicos.

Gabriel Kwak é jornalista, escritor, revisor e membro da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA).

Sebo Brandão São Paulo

Fazemos encadernações

**Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes**

**Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>**



CLARICE LISPECTOR E SUAS REVELAÇÕES EPIFÂNICAS

Raquel Naveira

Como é bom quando se é jovem e se encontra uma arte à qual nos dedicamos por uma vida inteira! Aos vinte anos, já professora, estudiosa de literatura, descobri Clarice Lispector. Comecei então uma viagem intensa por seus livros, seu fazer literário intimista, sua trajetória projetada na pele de suas personagens, sua visão do ser feminino, sua busca de solução para o mistério da existência humana, numa complexa relação com o mundo e com a linguagem.

O primeiro tesouro, primeiro contato com seu texto foi *Laços de Família*, o livro de contos em que várias de suas marcas estão presentes: a exacerbação do universo interior; o fluxo da consciência através do discurso indireto livre, sob o ponto de vista de um narrador; o subjetivismo cheio de sensações; a falta de uma trama linear, pois o que importa não é a história a ser contada, mas a palavra que cria o acontecimento. Os dramas são psicológicos e metafísicos. As personagens, geralmente mulheres, estão dentro de sua rotina burguesa, quando são sacudidas por crises existenciais, choques que desequilibram o cotidiano, a estabilidade, a falsa segurança. No reino miúdo, superficial, quase fútil, explode de repente uma bomba, um mecanismo de fortes revelações. São verdadeiras epifanias: a existência transcorre dentro da normalidade até que o ritmo é quebrado e a personagem fica face a face com sua essência. Daí é um passo para atingir a transcendência, o êxtase, mesmo que seja por um instante.

Um dos contos que comprova esse processo é "Amor": a inquietação de Ana no bonde lembrando de seus filhos "que eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta" e de seu marido que "chegava com os jornais e sorrindo de fome", "a raiz firme das coisas". Mas havia uma hora perigosa: a tarde, quando a casa ficava vazia. Ana desce no Jardim Botânico, depois de ter observado um cego mascando goma no bonde. A cena encheu-a de uma estranha compai-

xão. Diante das árvores, das dalias e tulipas, ela percebe o quanto o mundo era rico, exuberante. O quanto a vida era periclitante, horrível e frágil. Pensou que havia lugares longínquos, pobres ou suntuosos, que precisavam dela e ela precisava deles. Teve medo de sua vontade de partir em missão, de ter outro estilo de vida, com piedade de leão. Na volta, sua casa lhe pareceu triste. Ela atravessara o amor e seu inferno. E o fecho: "Antes de se deitar, como se apagas-se uma vela, soprou a pequena flama do dia." A cada conto uma surpresa, uma abstração, um arfar de emoção.

Passei a pesquisar sua biografia. Clarice nasceu em Tchetchelnik, Ucrânia (Rússia), a 10 de dezembro de 1920. Seus pais judeus imigraram para o Brasil quando ela contava dois meses de idade. No Recife, cursa o primário e o secundário. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, ingressa na Faculdade de Direito. Forma-se em 1944, ano em que publica seu primeiro livro, *Perto do Coração Selvagem*, fartamente aplaudido pela crítica. Casando-se nessa mesma época com um diplomata, Mauri Gurgel Valente, afasta-se do país, durante longo período (entre 1945 e 1959), mas não deixa de cultivar a Literatura, numa ascensão crescente de livro para livro. O casal teve dois filhos: Pedro e Paulo. Faleceu no Rio de Janeiro, a 9 de dezembro de 1977, aos 57 anos, deixando os seguintes romances:

O Lustre, A Cidade Sitiada, A Maçã no Escuro, A Paixão segundo G.H., Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres, Água Viva, A Hora da Estrela; livros de contos: *Alguns Contos* e o citado *Laços de Família, A Legião Estrangeira, A Via Crucis do Corpo*; crônicas para o Jornal do Brasil e literatura infantil. Examinei suas fotos: uma mulher bonita, sempre elegante, os olhos oblíquos contornados de preto. Há nela um exotismo e uma expressão enigmática.

Em 1967, um acidente transformou a personalidade da escritora: ela teve as mãos e as pernas queimadas num incêndio, provocado pelo cigarro aceso, enquanto dormia. Dizem que escrevia fumando, com uma rosa vermelha ao lado do caderno e da máquina de escrever. A mão direita ficou deformada e com cicatrizes, tolhendo seus gestos e sua assinatura. Deprimida, recusava convites e homenagens, iniciando um processo de recolhimento doméstico, só abrandado pelas visitas de amigos e pela popularidade que crescia. Nessa mesma década foi acusada de "alienada", pois se recusava ao engajamento político.

Separada do marido, Clarice conhece Olga Borelli, amiga e secretária nos seus últimos anos de vida, quando já lutava contra um câncer. Vão juntas em 1976 a um estranho Congresso de Bruxaria na Colômbia, para o qual Clarice levou um de seus contos: "O Ovo e a Galinha". Isso criou um clima e

questionamentos: seria ela uma bruxa? Uma maga? Uma escritora ligada ao ocultismo? Ou uma simples curiosa pelo lado sombrio da busca espiritual?

Olga datilografava os originais, organizava trechos, que Clarice colocava em envelopes, recebia as pessoas e esteve com ela no hospital até o suspiro derradeiro. Clarice, agonizante, declarou: "Dentro do mais interior de minha casa morro eu neste fim de ano exausta."

E não é que lá pelo ano 2000, quando eu cursava o mestrado em São Paulo, fui parar na casa da Olga Borelli? Ela havia criado o Espaço CENA, Centro de Encontro das Artes, que ficava na rua Ibiatê, no bairro do Itaim Bibi. No quintal foi armado uma espécie de tenda, auditório com cadeiras, um palco, material de som. Olga nos recebeu numa noite fria, a mim e a outros poetas como Celso de Alencar, com um sorriso afável, apresentando-nos aquela conquista: um lugar para a cena artística, para música, teatro, dança, diálogos. Na oportunidade eu disse que era do Mato Grosso do Sul e li os poemas de meu livro *Guerra entre Irmãos*: poemas inspirados na Guerra do Paraguai, um dos principais fatos históricos de minha região.

Olhando os cabelos grisalhos de Olga, imaginei seu sofrimento acompanhando o duro isolamento de Clarice. Em janeiro de 1977, surpreendentemente, a escritora compareceu à TV Cultura, em São Paulo, para participar de uma entrevista. Nesse dia, concedeu depoimento ao jornalista Júlio Lerner, que depois foi reproduzido na revista *Shalom* (1992). Nessa entrevista, com voz rouca e abafada, falou sobre seu romance *A Hora da Estrela*: "Morei no Recife, me criei no Nordeste. E depois, no Rio de Janeiro tem uma feira dos nordestinos no Campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá. Daí começou a nascer a ideia. Depois fui a uma cartomante e imaginei... que seria muito engraçado se um táxi me pegasse, me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas essas coisas boas. Então daí foi nascendo também a trama da história."

SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO CARICATURADO!!!

Foto enviada pelo próprio Fagner de sua Fundação.

XAVI

CARICATURAS ILUSTRAÇÕES.

Xavier
(14) 3733-9568
(14) 99161-0675
(11) 97958-6182

xavierdelima1.wixsite.com/xavi



Clarice Lispector, caricatura de Xavier, coleção Valdir Rocha.

Segundo nos explica a Professora Márcia Lígia Guidin, no seu *Roteiro de Leitura* da obra, o autor-narrador da novela *A Hora da Estrela* se chama Rodrigo S.M. e inicia a obra com um apelo ao leitor: pede a ele que desculpe uma história tão simples. Justifica a pobreza narrativa por causa das próprias dúvidas em relação à vida e à literatura. Seus comentários sobre o estilo, sobre a personagem e sobre si mesmo percorrem toda a obra e se revelam por entre a história de Macabéa, moça humilde e ignorante, “uma incompetente para a vida.” Conhece Olímpico de Jesus, um metalúrgico paraibano. Os namorados encontravam-se em bancos de praça. Macabéa estava apaixonada. Olímpico conhece Glória, colega de escritório de Macabéa. Branca, quadris largos, cabelos pintados de louro. Olímpico rompe o namoro e passa a sair

com Glória. Macabéa volta à solidão e ao alheamento. Macabéa vai ao médico, que a avisa que ela está com tuberculose. Glória sugere a Macabéa que procure uma cartomante, Madame Carlota, prostituta e cafetina. Madame recebe Macabéa com carinho. Carlota vê nas cartas um passado triste, um presente horrível e um futuro com grandes predições: um marido rico e estrangeiro. Macabéa sai aturdida e espantada. Enlouquecida de esperança. Ao atravessar a rua, entretanto, um automóvel Mercedes-Benz a atropela. Batera com a cabeça na calçada e sangrava. Começava a garoar e algumas pessoas espiavam a moça agonizante. Em seu delírio, vendo o carro de luxo, pensa que as profecias estão sendo cumpridas. Encolhe-se como um feto. Sua agonia se mistura a certa sensualidade feminina. Morte e erotismo se encon-

tram. Macabéa morre esmagada pelo mundo urbano que não conquistou.

Olímpico, Glória e Carlota revelam um traço comum: são todos personagens que, por contraste à incapacidade verbal da moça, possuem uma superioridade discursiva que viabiliza sua integração na cultura urbana. Entre outras coisas, para sobreviver é preciso falar, pensar, discursar, prometer. Macabéa, silenciosa ou boquiaberta, fica subjugada a todos eles.

Para as personagens antecessoras de Macabéa, a aquisição intelectual, bem como a constituição de família, não são pontos de contato satisfatórios com o mundo. A cultura urbana, com seus reflexos, é um fardo que afasta a mulher de uma vida primitiva e simples e a arrasta a uma introspecção problemática e agônica. Diante da vida familiar e social, diante de si mesma, a mulher sofre um processo de perda de identidade. Em todos os casos, as personagens, casadas, solteiras, mães, avós, pintoras, professoras, são figuras expostas ao fracasso e à frustração. *A Hora da Estrela* transformou-se num filme fascinante de 1985, que ganhou vários prêmios, dentre eles o Urso de Prata do Festival de Berlim, com roteiro e direção de Suzana Amaral e com a atriz Marcélia Cartaxo no papel de Macabéa.

Depois de ler o livro e assistir ao filme, escrevi este poema, “Esperança”:

Estou grávida de futuro,
Como
alguém que
vai à cartomante
E ouve tudo que deseja.

A esperança
tomou conta de mim
Em
ondas verdes,
Diante
de mar tão
amplo,

Desmaio
de sede.

Esperança
violenta,
Se eu fosse virgem,
De repente
teria me tornado

mulher,
Noiva
que cai nos
braços da morte.

Esperança
de transpor a porta
do céu,
Tão
estreita,
Tão
fechada
Por
gonzos de prata.

Esperança de ser quem sou:
Semente
de mostarda
Que
virou árvore,
Embora
tarde.

Sobre
o abismo,
Essa ponte,
Esse pilar,
Esse poder,
Caminho
E espero.

Neste ano que marca o centenário de nascimento de Clarice Lispector, reflito sobre o quanto ela representou para mim: descobri-la lá atrás, na minha juventude, alimentou o meu sonho de ser uma escritora inspirada e inspiradora. Colocou-me numa corrente cujos elos se multiplicam por gerações de leitores fascinados por seus textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Coleção Literatura Brasileira Contemporânea, vol. 21. Livraria José Olympio Editora; Editora Civilização Brasileira e Editora Três, 1974.

- *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

GOTLIB, Nádya B. *Clarice-uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

GUIDIN, Márcia Lígia. *Roteiro de Leitura: A Hora da Estrela* de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1996.

Raquel Naveira é escritora, crítica literária, professora universitária e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo. Pertence à Academia Sul-Matogrossense de Letras, ao PEN Clube do Brasil e à Academia Cristã de Letras de São Paulo.



Tempos de Natal

Débora Novaes de Castro

No calendário cristão,
a chegada de mais
um natal!

Natal diferenciado,
toldado... de máscaras...
de quarentenas...
de isolamentos...

Mas Natal
é sempre Natal,
e sobrepõem-se às dores
do luto, e das agruras
do coronavírus....

É a vida segue.
Adornos típicos da Festa;
os preparativos...
as alegrias das crianças,
entremeando presentes
e sonhos.

Tempos de Natal!
Tempos de Pandemia!
"Estrela de Belém" anuncia:
- Nasceu o "Menino Jesus"
na "rusticidade" da
estrebaria!

Feliz NATAL e
Promissor ANO NOVO!
Natal de 2020

Débora Novaes de Castro é escritora, poeta, artista plástica e Mestre em Comunicação e Semiótica – Intersemiose na Literatura e nas Artes, pela PUC - São Paulo, 2004.
www.deboranovaesdecastro.com.br

Mãe/Filha

Roseli B. de Camargo

Dorme

Tranquila, serena
Filha/mãe
Afago seus cabelos.
E a chamo...
Para além de seu sonhar..

Ela acorda
E gentil
Aceita se alimentar.

Curvo-me
E amorosamente
Deponho a colher
Entre seus lábios
A esperar.

O pão e o leite
Sagrados
Cotidianamente aceitos
Agora alimentam
Seu calmo ressonar.

Roseli Batista de Camargo é Mestra em Letras na área de Estudos Literários, Doutora em Estudos Literários pela UNESP- Araraquara, coordenadora do Curso de Letras - FESL Jaboticabal/SP e diretora do Núcleo Docente Estruturante.

Trova

Quando bem dentro do seio
as dúvidas nos consomem,
a esperança é o grande esteio
para dar forças ao homem.

Amaryllis Schloenbach é escritora, poeta, jornalista e advogada.

Indecisão

Cláudio de Cápua

Em 1969, participei da fundação da União Brasileira de Trovadores, seção de São Paulo, capital, levada a efeito pelas renomadas jornalistas e trovadoras Amaryllis Schloenbach e Maria Thereza Cavalheiro, sobrinhas netas de Yde Schloenbach Blumenschein, renomada poetisa mais conhecida por Colombina.

No mês de outubro, foi inaugurada a "Feira do Livro", atrás da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, praça Dom José Gaspar, idealizada pelos Diários Associados, do Grupo do jornalista Assis Chateaubriand. O curador da feira, era nada mais nada menos, que um dos mitos da década de trinta, em Hollywood, o carioca Raul Roullien, ator, poliglota, dançarino, roteirista e cantor.

Nessa referida feira, a União Brasileira de Trovadores apresentava-se com a Noite da Trova, evento que levou à praça cerca de 5 mil espectadores, sucesso absoluto.

Dias posteriores, ao evento dos trovadores, eu, que me iniciava no jornalismo, caminhava na referida feira, entre os transeuntes, quando passando distraidamente por um grupo formado por diretores dos Diários Associados. Nesse grupo, de costas para mim, gesticulava um senhor alto e elegante a narrar uma cena de briga. Naquele exato momento a imitar a mímica do entrevado, desfere potente soco não direcionado mas atinge em cheio o



Raul Roullien

canto do meu olho esquerdo e o nariz. Confesso ter visto estrelas.

Em minha mocidade, eu nunca levava desaforo algum para casa, assim sendo, virei-me atordado, pronto para revidar à agressão involuntária, quando reconheci naquele senhor, o meu ídolo de infância, Raul Roullien, que se desmanchava em desculpas e gentilezas. Tendo ao final, me convidado para um café na Galeria Metrôpole.

Ainda meio grogue e indeciso, enfrentei o dilema sem saber se revidava o soco, aceitava o café ou pedia um autógrafo.

Cláudio de Cápua é jornalista, escritor e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santos.

Manchetes em versos

Rosani Abou Adal

Capa e o projeto gráfico de Xavier
Prefácio de Raquel Naveira



Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>



<https://www.facebook.com/sarau.bodegadobrasil>



QUINTAS E CONTOS de Vilma Cunha Duarte

Andreia Donadon Leal

Prazer em prefaciando o livro de quintas, este espaço privilegiado de leitor que antecipa a leitura, vê originais e degusta como um *sommelier* as delícias ainda em seu berço de afagar neonato. Prazer em ver que ele nasce na terra de Beja, das lavras competentes da professora de rimas Vilma Cunha. Quinta, feriado no coração é um livro de amor à vida, com quintas solenemente construtoras de esperança, de até mesmo transformar as tragédias das chuvas em cantos de renascimento. Viva a poesia, viva à força da palavra bem escolhida que assume a tarefa de elaborar sentidos doces às agriduras da vida

Saudade dói
com alegria
doces momentos
coração relicário
poesia

É encantador ver a repentista Vilma Cunha em performances que levam os públicos do riso ao choro, passando por reflexões sobre as coisas que os implicam na vida. O repente nasce dos afetos inconscientes, e Vilma Cunha traz para este livro de quintas todos os seus afetos de repentista. As rimas acontecem com destreza e delicadeza. Os temas são múltiplos como múltiplas devem ser as possibilidades de leitura dessas quintas. Ao lê-las, parece que ouço Vilma declamando-as em gestos largos. E é com encantamento que recebo este conjunto de quintas, em livro pioneiro, que contempla todas as regras de elaboração da boa poesia – cativante, instigante e polifônica. Éta,



Vilma Cunha Duarte

Vilma de Araxá! Éta, Vilma da terra de Dona Beja! Éta, Vilma da terra dos doces e das lamas que relaxam e refazem forças! Caro leitor, tome este livro como livro histórico, daqueles que ficarão marcados como precursores da série que, por certo virá, mas na esteira deste – lindo pioneirismo poético.

A quinta é um poema desamarrado; cinco versos, nove palavras, um jogo de rimas e nenhuma outra obrigação. O que se requer sem piedade, é que seja poesia. É poesia para quem conhece técnica de versificação. E nesse quesito Vilma Cunha esbanja competência, com sua refinada técnica de elaboração de jogos de rimas e de encontrar poesia nas coisas do cotidiano. Poesia também é isso, transformar em arte a observação dos fatos e das inadvertências do cotidiano. Parabéns Vilma Cunha; de Araxá, terra de Beja, para o mundo, esse mimo poético. Bem haja!

Andreia Donadon Leal -
Deia Leal é escritora, poeta,
artista plástica e Mestre em
Literatura pela UFV.

VENDE-SE

DICCIONARIO DE LA LITERATURA CUBANA

Instituto de Literatura Y Lingüística de La Academia de Ciencias de Cuba - 2 volumes - Editorial Letras Cubanas - Ciudad de La Habana - Cuba



(11) 97358-6255

Concursos

O **Prêmio CEPE Nacional de Literatura**, promovido pela Companhia Editora de Pernambuco, está com inscrições abertas até 15 de janeiro de 2021 para o 6º Prêmio Cepe Nacional de Literatura e para o 3º Prêmio Cepe Nacional de Literatura Infantil e Infantojuvenil.

Poderão se inscrever brasileiros natos, residentes no Brasil ou no exterior e brasileiros naturalizados residentes no país.

O edital está disponível em <http://bit.ly/premiocepe2020>.

Os vencedores terão suas obras publicadas e divulgadas pela Editora CEPE.

Premiação:

Poesia: R\$ 20 mil (vinte mil reais)

Conto: R\$ 20 mil (vinte mil reais)

Romance: R\$ 20 mil (vinte mil reais)

Literatura Infantil: R\$ 10 mil (dez mil reais)

Infantojuvenil: R\$ 10 mil (dez mil reais)

O resultado será divulgado até 15 de junho de 2021.

As inscrições serão realizadas exclusivamente por meio digital através do endereço www.cepe.com.br/premio-cepe.

O **16º Prêmio Barco a Vapor**, promovido Fundação SM e da SM Educação, está com inscrições abertas para os gêneros romance e novela para crianças e jovens, até o dia 31 de janeiro de 2021.

Os interessados poderão inscrever até dois originais inéditos, sob uso de pseudônimo, sem ilustrações, fonte Times New Roman, corpo 12, espaçamento duplo, margens de 2,5 cm, orientação no modo "retrato", em formato Word ou PDF.

Premiação: Publicação do original, com o selo da coleção Barco a Vapor e a importância de R\$ 40.000,00 (quarenta mil reais), sendo descontados os impostos legais.

Regulamento: <https://barcoavapor.smeducacao.com.br/regulamento-2021/>

Inscrições: <https://barcoavapor.smeducacao.com.br/17-premio-cadastro-inscricoes/>



Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS.

2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119

- ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



divulgação

Cida Pedrosa

A 62ª Edição do Prêmio Jabuti laureou como Livro do Ano *Solo para valejo*, poemas de Cida Pedrosa, publicado pela Cepe Editora. A poeta foi agraciada com a estatueta e com o prêmio de R\$ 100 mil. A obra também foi premiada na categoria Poesia. Cida Pedrosa doará parte do valor da laurea ao seu partido - o PCdoB. Os laureados nas 20 categorias do prêmio receberam R\$ 5 mil cada. <https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/premiacao/?ano=2020>.

Dulce Neves reassumiu o cargo de presidente da Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto. Afastada desde o mês de julho, a entidade teve como presidente interina a vice-presidente Adriana Silva. A Fundação é uma entidade sem fins lucrativos - evolução da antiga Fundação Feira do Livro -, que realiza a Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto.

O Projeto Leituras Urbanas: Literatura nas Ruas da Cidadania, idealizado por Cristiano Nagel, com o objetivo de incentivar o gosto pela leitura, será realizado até 27 de abril de 2021 nas redes sociais. www.urbanasleituras.wixsite.com/leiturasurbanas

O Fórum das Letras, promovido pela Universidade Federal de Ouro Preto, realizado de 7 a 18 de dezembro nas redes sociais, com programação conjunta com a 1ª Bienal Virtual do Livro de São Paulo, presta homenagem à escritora Clarice Lispector em decorrência do centenário de seu nascimento.

Menalton Braff, com *Além do Rio dos Sinos*, Editora Reformatório, na categoria romance, foi agraciado com o Prêmio Literário da Biblioteca Nacional. Menalton receberá a importância de R\$ 30 mil.

Marco Lucchesi foi reeleito, por unanimidade, presidente da Academia Brasileira de Letras. A diretoria é composta pelos acadêmicos Merval Pereira (secretário-geral), Antônio Torres (primeiro-secretário), Edmar Bacha (segundo-secretário) e José Murilo de Carvalho (tesoureiro).

Marcello de Oliveira, com o livro *A História de Ruth*, foi agraciado na categoria Projeto Gráfico no 6º Prêmio Abeu 2020, promovido pela Associação Brasileira das Editoras Universitárias. O autor é editor e diretor de arte da KPMO Cultura e Arte. A obra foi publicada em coedição entre a KPMO e a Cultura Acadêmica, selo da FEU - Fundação Editora UNESP.

As Políticas da Política: desigualdades e inclusão nos governos do PSDB e do PT, organizado por Marta Arretche, Eduardo Marques e Carlos Aurélio Pimenta de Faria, Editora UNESP, foi laureado na categoria Ciências Sociais com Menção Honrosa no 6º Prêmio Abeu 2020.

Claudio Willer ministrou curso sobre a poesia de Roberto Piva, intitulado "Três vezes Piva". <https://claudiowiller.wordpress.com/>

O 32º Troféu HQMix agraciou na categoria Editora do Ano a Pipoca & Nanquim. Na categoria Melhor adaptação para os quadrinhos foi laureada *Travesti* (Veneta); em Edição especial estrangeira, *O Eternauta 1969* (Comixzone!); em Edição especial nacional, *Roseira, medalha e engenho* (Pipoca & Nanquim), de Jefferson Costa; e em Publicação de tirinhas, venceu *Batatinha fantasma*, dos cartunistas Carol Borges e Filipe Remédios.

Isa Colli, escritora e jornalista, lançou *Tâmaras e Quibes*, em formato digital e impresso, pela Editora Colli Books. A obra, inspirada no bairro do Brás, São Paulo, narra a história da imigração, principalmente do Oriente Médio.

Rodrigo Garcia Lopes, escritor e tradutor, lançou *O enigma das ondas, poemas*, pela Editora Iluminuras. A obra apresenta poemas líricos, políticos, críticos, satíricos e reflexivos.

Notícias

Poesia Completa e Prosa seleta de Manuel Bandeira, box com dois volumes, 2.644 páginas, organizado pelo crítico literário e ensaísta André Seffrin, foi lançado pela Editora Nova Aguilar (Global). O primeiro volume abriga poemas, textos escritos em sua homenagem, fortuna crítica e um segmento ampliado do teatro poético traduzido por Bandeira. O segundo reúne uma seleção da prosa do autor de *Pasárgada*.

Sonia Gandra lançou o romance *Inomináveis*, pela Caravana Grupo Editorial, cuja trama é composta por um jornalista investigativo, uma médica e cientistas internacionais que se unem para desvendar uma misteriosa paralisia que afeta milhares de pessoas.

O Grupo de Literatura & Teatro Transa Poética, em parceria com a Biblioteca Pública Municipal Dr. Antônio Teixeira de Carvalho, Centro Cultural Hermes de Paula, Toca Bar & Café e Casa de Augusta & Classe Cultural de Montes Claros, promove a campanha solidária "Resgate da Alegria/Natal Sem Fome" há 28 anos com o objetivo de ajudar pessoas que passam por dificuldades.

O Prêmio Aberst de Literatura, promovido pela Associação Brasileira de Escritores de Romance Policial, Suspense e Terror, agraciou *Noir carnavalesco*, de Ian Fraser, na categoria Narrativa longa policial; em Narrativa curta policial, *O assassinato de Cláudio Manuel da Costa*, de Jean Pierre Chauvin; em Narrativa curta de terror, Alexandre Braoios, com *Um conto sem fim*; e em Quadrinhos, *Found Footage*, de Marvin Rodrigues. Iza Artagão foi laureada como Autora revelação e Vera Carvalho Assumpção teve o reconhecimento pelo conjunto da obra.

O Prêmio Biblioteca Digital, promovido pela Biblioteca Pública do Paraná, agraciou em primeiro lugar na categoria Romance, *O cubo mágico*, de Guido Viaro; em Conto, *Quando perdemos o Norte*, de Leonardo Gomes Nogueira; em Poesia, *Pangeia: a etimologia do ser*, de Mariana da Rocha Basílio; e Infantil, *Os bichos falam português*, de Alécio Donizete da Silva.

A Livraria Francesa mudou para a Av. Indianópolis, 1697, em Moema. Funciona de segunda a sexta, das 9h30 às 17h30, aos sábados, das 10 às 14 horas. WhatsApp: (11) 3231-4555.

A International Publishers, entidade que reúne 86 organizações de 71 países dos cinco continentes, será presidida por Bodour Al Qasimi (Grupo Kalimat, Emirados Árabes Unidos). Karine Pansa (Girassol Brasil) ocupará o cargo de vice-presidente.

Maurício Melo Júnior, jornalista, crítico literário e escritor, lançou o romance *Não me empurre para os perdidos*, pela Editora Cepe, na programação do Circuito Cultural Digital de Pernambuco.

Gilberto Dimenstein e Anna Penido lançaram *Os Últimos Melhores Dias da Minha Vida*, pela Editora Record, com ilustrações de capa e encarte de Paulo von Poser.

A Ediuoro Publicações interrompeu a distribuição de exemplares do livro *A empresa antirracista*, de Maurício Pestana, publicado pelo selo Agir. A obra apresenta iniciativas com líderes empresariais do Brasil e exterior sobre ações de combate ao racismo e uma entrevista com Noël Prioux, presidente do Carrefour no Brasil.

O 13º Prêmio São Paulo de Literatura, promovido pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, divulgou os finalistas de 2020. https://premiossaopaulodeliteratura.org.br/edicao-2020/finalistas_10_2020/

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão -

Aulas Particulares

Cel.: (11) 97382-6294 - soninhaabou@gmail.com

